



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 53/2009
Contatos: secretaria@isb.org.br

ESTATIZAÇÃO

Esta é a questão crucial que divide as posições políticas nas suas grandes vertentes. Divide socialistas e capitalistas, desenvolvimentistas e neoliberais, esquerdistas e direitistas em geral. O Estado é a Política, que o Capital quer ver fora do seu campo de ação, a Economia, para poder reinar absoluto. Cinquenta anos atrás, a Economia ainda era Economia Política. Deixou de ser, na academia e na mídia, para assumir a condição de ciência administrativa, neutra, livre das influências da Política que tem facções, tem pontos-de-vista diferentes, interesses conflitantes que devem ser reconhecidos como igualmente válidos e legítimos, coisa que complica muito a ciência. A presença do Estado na Economia, seja regulando o mercado e estabelecendo políticas, seja atuando diretamente como agente produtor, é a explicitação desses interesses distintos, que o Capital deseja encobrir, identificando os seus próprios interesses com os da sociedade como um todo.

Há cinquenta anos, estatização não era uma palavra anatematizada. Na Europa e em todo o mundo, exceto nos Estados Unidos, as economias nacionais tinham muitas empresas estatais, especialmente nos setores de infra-estrutura e indústria básica. E também entre os bancos. O Japão explodiu economicamente apoiado numa associação, única no mundo, entre o Estado e grandes grupos privados, formando conglomerados gigantescos e garantindo empregos vitalícios aos seus trabalhadores, coisa jamais vista. No Brasil, o grande surto desenvolvimentista dos anos 50, 60 e 70 foi comandado pelas grandes estatais que alavancaram a nossa economia com seus investimentos nos setores de petróleo, energia elétrica, transporte ferroviário, marítimo e portuário, mineração, siderurgia, telefonia, serviço postal; e também no sistema financeiro: além do conjunto dos bancos estaduais, destacando o BANESPA e o BANERJ, e dos bancos regionais, como o Banco do Nordeste e o BRDE do sul, o Banco do Brasil comandava todo o crédito agrícola, a Caixa Econômica o imobiliário e o BNDE todo o financiamento de longo prazo para a indústria e a infra-estrutura. Havia, claro, muita ineficiência, alguma corrupção, mas o sistema funcionou tão bem que o sucesso foi estrondoso, e o Brasil foi campeão mundial de desenvolvimento econômico, com uma enorme parcela da sua economia estatizada.

Esta condição começou a mudar no mundo no início dos oitenta, antes mesmo da derrocada da União Soviética. Na medida em que o socialismo real dava mostras do seu esclerosamento, o Capital foi gradativamente assumindo uma hegemonia cada vez mais completa, acuando o fator trabalho e reduzindo a presença do Estado, e a empresa estatal se foi tornando sinônimo de incompetência, corrupção e atraso. Até que, nos primeiros anos noventa, com a extinção soviética, a ação direta do Estado, como agente econômico, tornou-se maldita, e mesmo a indireta, regulando o mercado, passou a ser muito mal vista. Foi o período de quase trinta anos de triunfo total do liberalismo, que agora se liquefez na crise.

O Brasil se sai relativamente bem desta crise, o mundo reconhece, e o eminente porta-voz do Capital, o britânico "Economist", atribui este sucesso relativo aos antiquados (jurássicos) bancos estatais brasileiros que sobram da onda de "modernização"; aqueles que FHC não teve tempo de privatizar ou, não tendo condições políticas para executá-las, preparou suas privatizações para o seu sucessor. Felizmente, para o Brasil, o sucessor foi outro; Lula ganhou a eleição e esses grandes bancos estão aí realizando a salvadora missão de manter a economia em ritmo ainda positivo acima do oceano de depressão que assola o mundo.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 53/2009
Contatos: secretaria@isb.org.br

Mas o único país do mundo que sempre teve verdadeira ojeriza às empresas estatais, o país onde o Capital teve sempre o mais absoluto domínio, onde o Socialismo jamais teve expressão política visível, este país, justamente ele, que sediava os maiores bancos do mundo, está na iminência de ter que estatizar esses grandes bancos, que estão irremediavelmente falidos, com rombos que somam trilhões de dólares.

Lula já gritou daqui, com admirável bom senso, que eles não devem temer esta decisão, que é crucial para sobrepujar a recessão que já vai funda lá entre eles e pode nos atingir mais duramente. No interesse de todo o mundo, eles devem se libertar de preconceitos antigos e estatizar seus bancos falidos, não foi só Lula que disse. E entretanto, a decisão de Obama demora, é difícil afrontar um dogma tão profundamente arraigado. A Europa já passou por muitas e graves afrontas ao dogma, desde Copérnico, Lutero, Galileu, o Iluminismo, as Revoluções inglesa e francesa, Marx, até Freud e Darwin. E alguns bancos europeus já foram estatizados. Os americanos têm dogmas muito mais resistentes: para acabar com a escravidão, que não era um dogma mas um anti-dogma, uma realidade vergonhosa, foi preciso uma guerra civil extremamente sangrenta. Darwin ainda é rejeitado em muitas escolas do interior americano, que ensinam o criacionismo. Então, compreende-se a relutância na estatização imprescindível.

Mas a questão fundamental, a questão mais importante da política mundial nos próximas décadas é: e depois, o que fazer dos bancos estatizados? Saneá-los ao custo de trilhões e devolvê-los depois ao Capital?

Se o neoliberalismo não tivesse dominado a mídia e o pensamento acadêmico tão cabalmente no último quarto de século, seria a hora dos partidos de esquerda do mundo inteiro gritarem a uma só voz pela estatização sem volta dos grandes bancos. Nada de saneá-los com dinheiro do povo para depois leiloá-los de volta ao Capital, para se reiniciar um novo ciclo até a nova falência. Seria a grande oportunidade, a grande bandeira dos socialistas no momento: lutar pela presença do Estado, quer dizer, a presença da Política no coração da Economia, que é o sistema bancário. Não seria importante, e nem conveniente, que o sistema financeiro fosse um monopólio do Estado, mas que os grandes bancos fossem estatais. Seria um belo e gigantesco passo em direção ao Socialismo, isto é, ao aperfeiçoamento das sociedades humanas neste planeta.

Bem, o Brasil já tem esta presença importante no seu sistema bancário. Poderia, sim, aumentar a envergadura dos bancos regionais estratégicos, o Banco do Nordeste e o da Amazônia, e seguir em frente, retirando do caminho todo o entulho neoliberal restante, como as restrições que ainda existem para o financiamento público de empresas estatais. Mas os nossos partidos de esquerda, PT, PSB, PDT e PCdoB, deveriam levantar a voz política no mundo em favor dos bancos estatais; estimular os partidos socialistas de todos os continentes, fundados e animados pela força do exemplo brasileiro, a defenderem a tese da permanência dos bancos estatizados no setor público.

A crise, os sacrifícios infligidos ao trabalhador desempregado não pode passar em vão, sem que o Capital deixe uma contrapartida substancial em favor do Trabalho e da Política. É hora de se unirem trabalhadores e esquerdistas do mundo inteiro. Não é questão de perder grilhões mas de ganhar uma presença que nunca tiveram nas decisões vitais para a sua liberdade e a sua dignidade.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br